



A. Estado, Poderes e Sociedade  
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões  
C. Educação e Desenvolvimento  
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes  
F. Família, Género e Afectos  
G. Teorias, Modelos e Metodologias  
Sessões Plenárias

## CORPOS-EM-VIGILÂNCIA \*

*André de Brito Correia*

Uma das tarefas sociológicas mais importantes consiste na investigação dos diversos tipos de poder social existentes. É necessário compreender e explicar quais os poderes que existem num dado contexto e como se exercem. Nesta tarefa devem aproveitar-se de forma selectiva os contributos de Foucault. Para este autor, pensar apenas na dominação estatal é uma forma incorrecta de analisar a realidade pois não se tem em conta um poder que se espalhou e difundiu na sociedade, quanto às suas características principais, desde o século XVIII: o poder disciplinar.

Este poder apresenta quatro dimensões, obviamente interligadas e que se apoiam mutuamente. A primeira mostra que o poder disciplinar é uma “arte de distribuição espacial dos indivíduos” (Foucault, 1992: 105). Foucault afirma que a “disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório.” (1992: 105 e 106). A escola é um bom exemplo de como a distribuição espacial se verifica. Cada aluno ocupa uma dada carteira e uma dada mesa, cada aluno tem o seu sítio certo. O poder disciplinar é também uma forma de distribuir as práticas dos indivíduos no tempo. Desse modo, a “disciplina exerce seu controlo, não sobre o resultado de uma acção, mas sobre seu desenvolvimento” (1992: 106). É assim que “a partir do século XVIII, se desenvolve uma arte do corpo humano. Começa-se a observar de que maneira os gestos são feitos, qual o mais eficaz, rápido e mais bem ajustado.” (1992: 106). Há o aparecimento do contramestre nas oficinas e, no exército, “do oficial subalterno e com ele dos exercícios, das manobras e da decomposição dos gestos no tempo” (1992: 106). Uma terceira dimensão consiste no facto de o poder disciplinar ser “uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. (...) É preciso vigiá-los durante todo o tempo da actividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares” (1992: 106). Esta vigilância óptica associa-se a uma sanção normalizadora através do exame. Este último é uma maneira extremamente eficaz de exercer poder. Os examinados são objecto de observação e de classificação. Esta constante vigia e avaliação dos sujeitos permite a existência de outro aspecto — a última dimensão — das disciplinas. O poder disciplinar “implica um registo contínuo”: “anotação do indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber” (1992: 106).<sup>[1]</sup>

Neste texto interessa-me abordar o poder concretizado em fenómenos de vigilância. No entanto, esta última nem sempre apresenta características disciplinares. Deste modo, torna-se necessário efectuar uma abordagem mais ampla das vigilâncias e retomar posteriormente, de forma crítica, as ideias de Foucault. Só assim se pode descobrir quem são os corpos-em-vigilância.

### Corpos e Vigilância

Vigiar é estar atento, é estar de sentinela. Isto significa que a vigilância é um processo de concentração e de zelo. No entanto, e mesmo tendo em conta o estado de sentinela em que isso nos faz cair, não estamos propriamente a falar de algo que nos tornaria a todos polícias. O que se passa é o inverso: os polícias é que aprofundam e tratam de uma determinada maneira algo que faz parte da realidade dos sujeitos sociais. De facto, parto da ideia de que a vigilância é constituinte das acções sociais, é constituinte dos processos internos de cada indivíduo.

Segundo Anthony Giddens, o *eu* (“*self*”) constitui-se e age com base num incessante processo de avaliação do que o rodeia. Isto quer dizer que cada indivíduo se insere numa rede em que tanto é influenciado como influencia as pessoas e as coisas que o rodeiam. A mediatizar tudo isso surge

uma atitude vigilante. Em suma, a “aferição reflexiva da actividade é uma característica crónica da acção quotidiana e envolve a conduta não apenas do indivíduo mas também de outros” (Giddens, 1989: 4). O sociólogo inglês aproxima-se, deste modo, das teses de Erving Goffman. Este último mostrou-nos que os actores que participam numa interacção social fazem tudo o que está ao seu alcance para apresentarem um bom desempenho face aos outros (Goffman, 1993). Por isso, cada actor social desenvolve uma série de estratégias que maximizam o valor da sua actuação. No entanto, para que surja “a estratégia certa no momento certo”, os indivíduos fazem uma avaliação constante de como estão a reagir os outros actores sociais. Tudo isto mostra que os sujeitos sociais aferem constantemente as suas acções e os efeitos que elas causam nas atitudes e discursos dos outros. Ou seja, *estamos em permanente vigilância*. Por outro lado, é isso que nos permite agir de forma a conseguirmos atingir os nossos objectivos e a comportarmo-nos de forma adequada. Ou seja, *vigiar é uma competência dos corpos*.

É por tudo isto que mesmo os esforços para resistir a uma acção de vigilância ou para a anular implicam outra acção de vigilância. Este é, aliás, um dos aspectos mais fascinantes deste tema. De facto, pensemos na extraordinária capacidade para vigiar o professor que têm os alunos que querem cabular durante uma prova. Estes estudantes aproveitam todos aqueles momentos em que o docente não se encontra a vigiá-los. No entanto, para saber quando isso acontece, é preciso que os alunos observem atentamente por onde o professor anda, o que faz e para quem olha. No fundo, os estudantes referidos efectuam uma *vigilância antivigilante*, ou seja, uma vigilância que só tem sentido na medida em que quer agarrar uma situação de não-vigilância.

Outro aspecto importante a ter em conta é o referente à criatividade dos sujeitos nas situações em que se vigia. De facto, cada indivíduo tem a possibilidade de concretizar a sua competência vigilante através de processos criados por si e que resultam do seu engenho e imaginação. Claro que, depois de serem inventados por alguém, estes processos podem ser apropriados e difundidos por outras pessoas e por outros grupos.

## Corpos e Vigilância Disciplinar

Na parte anterior deste texto falei do vigiar humano de uma forma muito abrangente. Isso foi necessário porque, como já referi, nem todas as vigilâncias são do mesmo tipo. No entanto, a partir deste momento, passarei a dar atenção apenas às vigilâncias disciplinares, uma das dimensões das disciplinas foucaultianas. Com o trabalho de Foucault, as vigilâncias são imaginadas, recorde-se, como formas de poder. No entanto, é preciso alargar esse exercício imaginativo e distanciarmo-nos dele em certos aspectos.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que a vigilância disciplinar é um processo em que existe uma observação atenta que se insere numa lógica normalizadora à luz da qual se pretende transformar, corrigir e treinar os indivíduos que se sentem vigiados. No entanto, este tipo de vigilância não aparece numa linha de ruptura total face a outras formas de vigiar. Apesar de se inscrever nos efeitos de poder que disciplinam os corpos, não deixa de ser vigilância e, portanto, contém as características que referi anteriormente quando falava do acto e do efeito do vigiar humano em geral. Penso que a vigilância disciplinar pode ser vista como uma forma de exercício do *poder cósmico*. Este último é definido por Boaventura de Sousa Santos como sendo um “poder descentralizado e informal, exercido por múltiplos microcentros de poder em sequências caóticas sem limites pré-definidos” (Santos, 1995: 427). Contrapõe-se ao *poder cósmico* que é um “poder centralizado, exercido a partir de um centro de alta voltagem (o estado) e alcançando limites formais através de sequências institucionalizadas e cadeias de intermediação burocrática” (1995: 427). Segundo o autor referido, há diversas formas de troca desigual que circulam na sociedade e que nunca actuam isoladas. (1995: 406). Estão presentes em constelações de poder que “combinam (sempre) uma componente cósmica com uma pluralidade de componentes caósmicas” (1995: 427). O carácter caótico do poder disciplinar relaciona-se com o facto de este último não ter uma localização específica. As disciplinas estão presentes nas empresas, nas escolas, nas prisões, nos hospitais, etc. Não pertencem a nenhum destes contextos em especial.

Para se compreender um pouco melhor a caosmicidade do poder disciplinar vou servir-me de um caso interessante. Quem o conta é Paddy Clarke. Ouçamos a história deste menino de dez anos, para depois retomarmos o debate:

"Estavam a verificar as vacinas do BCG, foi o que todos disseram. O (professor) Henno não nos tinha dito nada. Só disse que tínhamos que nos pôr em fila e os dois primeiros tinham sempre que ter as camisolas, as camisas e as camisolas interiores já despidas quando a porta se abrisse ou ia haver sarilho. Só tinham entrado dois e ainda não tinham saído. Ele devia ter ficado a tomar conta de nós, mas não ficou. Tinha-se ido embora, lá para cima, para a sala de professores, tomar uma chávena de chá.

— Vou ouvir qualquer barulho — disse ele. — Não se preocupem.

Bateu com o pé no chão de madeira. O ruído ecoou pelo corredor fora. Demorou uma data de tempo a desaparecer.

— Vejam — disse ele. — É impossível sequer murmurar nesta escola. Vou ouvir a mais pequena coisa. Depois foi-se."  
(Doyle, 1994: 86).

É preciso ver que as técnicas de vigilância disciplinar são anónimas. Isso quer dizer que não há ninguém que as detenha em exclusivo nem ninguém que as detenha de forma privilegiada. Repare-se na história contada por Paddy Clarke. Estamos na presença de um professor que pretende disciplinar os seus alunos, submetê-los a um regime de quietude, silêncio e ordem. Faz-lhes então ver que, embora fique à distância deles e sem os observar directamente, pode saber o que se passa. Para isso, contava com um dispositivo onde se inseriam os estudantes. Esse dispositivo era simples e eficaz. Consistia no facto de a escola estar construída de tal forma que qualquer movimento ou barulho produzia uma determinada ressonância. Ora bem, este dispositivo pode ser usado pelas mais diferentes pessoas e nos mais diferentes contextos. De facto, pode haver uma casa ou um hospital onde se verifique uma situação idêntica. Por outro lado, mesmo na escola, o dispositivo não pertence ao professor como se fosse um bem. Qualquer um — funcionário, estudante ou educador — pode estar afastado, ouvir barulho e vigiar o comportamento de alguém através dos sons que os movimentos no chão de madeira vão causando, por exemplo. Além disso, essa vigilância pode ter efeitos sem que se saiba quem vigia ou mesmo se está alguém a vigiar. De facto, após a conversa de Henno com os estudantes, é natural que haja alturas em que estes passem por aquela divisão da escola e não tenham determinados comportamentos com receio de que alguém algures esteja atento aos ruídos. No entanto, pode não estar ninguém a ouvir.

Pode dizer-se que todas as vigilâncias resultam da acção dos sujeitos sociais. Com efeito, as formas de vigiar são inventadas, reactivadas e reformuladas por seres humanos concretos. Podemos também dizer que todas as vigilâncias escapam à acção dos seres humanos. É preciso ver que os sujeitos vigilantes estão numa rede que os ultrapassa mesmo quando vigiam. Quem vigia exerce poder sobre outros corpos, mas pode sentir-se também vigiado e, portanto, fica inserido numa corrente de olhares e de controlos que o excede. Além disso, pelo que se afirmou anteriormente, fica claro que há efeitos de vigilância a exercerem-se continuamente onde não se necessita que haja quem vigie; basta que haja quem se sinta vigiado.

Gostaria ainda de criticar a perspectiva foucaultiana a partir da qual se afirma que as práticas estão submetidas ao poder maquinal das redes, eixos e traços do vigiar. De facto, a vigilância disciplinar é caósmica, mas ela pertence aos sujeitos ao mesmo tempo que lhes escapa. Devido a tudo isto, não pode dizer-se nem que os corpos são vigilantes nem que os corpos são vigiados. Devemos, sim, partir da ideia de que existem *corpos em vigilância*. Esta expressão tem a capacidade de traduzir de forma simples e breve tanto a ideia de que a vigilância cobre os corpos e os marca como a ideia de que a vigilância já está em cada um dos corpos e lhes dá poder.

Estas afirmações levam-me a recusar a ideia foucaultiana de que a vigilância — como todas as outras formas de exercício do poder disciplinar — é algo que destrói a subjectividade humana e que apenas reforça a engrenagem na qual os indivíduos estão inseridos. De facto, para Foucault, o poder disciplinar visa a criação e manutenção de “corpos dóceis e úteis”, ou seja, “a disciplina é o processo técnico unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo ónus reduzida como ‘força política’, e maximizada como força útil” (Foucault, 1993: 194). O exercício do poder tenderia, deste modo, a tornar os indivíduos cada vez mais submissos e rentáveis. Podemos, pois, dizer que, para Foucault, o modo de racionalidade da disciplina é a maximização da docilidade e da utilidade dos corpos.

Penso que é preciso substituir esta ideia. Ela não dá conta das potencialidades e da competência que o vigiar, por exemplo, significa para os sujeitos sociais. Proponho que se parta do seguinte princípio: *a disciplina é um poder caósmico cujo modo de racionalidade consiste na maximização da adaptabilidade e da competência dos corpos*. É óbvio que podemos ter corpos que se adaptam a regimes de submissão, mas também podemos ter corpos que se adaptam a regimes de participação. É óbvio que podemos ter corpos competentes para concretizarem práticas sociais alienantes, mas também podemos ter corpos competentes para concretizarem práticas sociais emancipatórias.

## Técnicas de Vigilância dos Corpos

Penso que existem sempre técnicas associadas aos fenómenos respeitantes ao que chamei de *corpos em vigilância*. É preciso ver que não se vigia sempre da mesma maneira. Deste modo, pode elaborar-se uma espécie de glossário das técnicas de vigilância. É um glossário-documento, um registo da singularidade que cada técnica de vigilância apresenta. Este registo mostra as situações concretas em que o vigiar actua. Torna visíveis todas as intensidades e todos os usos de que

as vigilâncias são capazes. A forma de descrever e mostrar o significado das técnicas de vigilância passa por três pontos. É a articulação entre eles que faz com que se defina a singularidade dessas mesmas técnicas.

O primeiro desses pontos refere-se à questão “*com que meios se vigia?*”. De facto, as vigilâncias podem ser accionadas de diversos modos: pelo olhar, pelo ouvir, pelo examinar, pelo olhar e simultaneamente pelo ouvir, etc. Estes meios mostram que o poder disciplinar consegue ser bastante discreto. De facto, ele “funciona permanentemente e em grande parte em silêncio” (Foucault, 1993: 158). Claro que cada um dos cinco sentidos se pode tornar um meio de vigilância. Deste modo, reforça-se a necessidade das ciências sociais lidarem com os aspectos sensoriais da interacção humana.

O segundo ponto necessário para a definição da singularidade de uma determinada técnica de vigiar refere-se à seguinte questão: “*o que se vigia?*”. Se, por um lado, como acabámos de ver, a disciplina é um poder superdiscreto, é ao mesmo tempo hiperindiscreto. Como nos mostra Foucault, uma das características mais significativas das disciplinas é o facto de permitirem que se exerça uma vigilância sobre múltiplas coisas e nos seus múltiplos pormenores. É por isso que este autor afirma que o poder disciplinar é “absolutamente indiscreto, pois está em toda a parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar” (1993: 158).

É preciso ir em busca da indiscrição do poder; tentar saber o que é que ele torna visível, onde é que ele se projecta. Na obra *Vigiar e Punir*, Foucault diz que as disciplinas instauraram uma forma de penalizar uma ampla série de situações. Para o autor,

"Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da actividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes 'incorrectas', gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência)" (1993: 159)

Por aqui já se vêem muitos dos objectos do vigiar. Foucault evidencia-nos a existência de vigilâncias do tempo, da actividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo e da sexualidade. Obviamente que a lista dos objectos das vigilâncias é mais extensa como se poderá verificar numa parte posterior deste trabalho.

Por fim, devo referir uma terceira questão: “*com que dispositivos se vigia?*”. O poder disciplinar não permite apenas que se faça uma vigilância sobre muitos objectos, mas tem ainda uma forma muito particular de actuar. Exerce-se com base na existência de diversos dispositivos. A sala de aula, por exemplo, pode estar construída de forma a que o professor possa ter uma boa visão do que se passa à sua volta. Outro tipo de dispositivo são os vidros que permitem a quem está de um lado ver o que está de fora sem que o inverso se possa verificar. Isso mostra até que ponto são importantes os instrumentos exteriores aos indivíduos que permitem as acções e os efeitos de vigilância.

## Fragmentos de um Glossário das Técnicas de Vigilância dos Corpos

A imaginação sociológica não se esgota nas tarefas de teorização e de construção dos modelos de análise. Penso, portanto, que será útil mostrar fenómenos sociais concretos à luz dos pressupostos definidos anteriormente. Desse modo, compreender-se-á melhor o exercício de imaginação sociológica até aqui efectuado e dar-se-lhe-á sequência através da exemplaridade que é característica dos elementos resultantes de um trabalho empírico.

Proponho, então, que vejamos quatro fenómenos concretos de vigilância. Esses quatro casos fazem parte de uma série de dados obtidos através de um trabalho de pesquisa efectuado com o objectivo de saber quais os poderes que se exercem na escola e como se exercem. Antes de avançar para a análise desses casos, vou referir brevemente algumas das características do trabalho de campo que lhes deu origem.

Em primeiro lugar, devo dizer que foi um trabalho de campo efectuado no contexto escolar, o que assegurava, à partida, a possibilidade de recolha de dados abundantes e férteis. De facto, a escola é um contexto onde as vigilâncias entram em acção de uma forma intensa. Para além disso, é um lugar privilegiado para distinguir vigilâncias pois o poder disciplinar é sempre poder-saber.

Em segundo lugar, interessa referir que o meu trabalho de campo se efectuou essencialmente através da observação directa tendo optado pela modalidade da observação-participante. O trabalho referido centrou-se em práticas sociais ocorridas no contexto de turmas escolares do 1º ciclo do ensino básico e que ocorreram numa parte significativa dentro das salas de aula. O critério que me levou à escolha das turmas foi ditado pela lógica comparativa. Observei práticas pedagógicas distintas. Se, como defendo, a pedagogia é uma forma de poder, então turmas de pedagogia diferente são as

mais indicadas para confrontar no tipo de estudo em causa.

Investiguei quatro turmas. Duas delas eram de pedagogia moderna (seguiam as linhas pedagógicas formuladas por Freinet) e pertenciam à mesma escola. Esta última localizava-se num meio rural ao qual dei o nome de Alfa. Na turma da professora Susana, estavam alunos do 1º e 4º anos de escolaridade, enquanto que, na turma da professora Diana, estavam alunos do 2º e 3º anos. As outras duas turmas eram de pedagogia tradicional. Pertenciam também à mesma escola e situavam-se num meio urbano ao qual dei o nome de Beta. Na turma da professora Simone, estavam alunos do 3º ano de escolaridade, enquanto que, na turma da professora Mónica, estavam estudantes do 1º ano.

As observações destas quatro turmas foram feitas de Fevereiro de 1994 até Julho do mesmo ano. <sup>[2]</sup> Durante a análise de dados, deparei-me com diversos fenómenos em que se concretizava o vigiar humano. Desse modo, consegui construir um glossário com vinte técnicas diferentes de vigilância — a cada uma delas correspondiam um ou mais fenómenos observados. O que proponho agora é que percorramos páginas desse glossário. Não todas as páginas, mas algumas. Apesar desta limitação, os casos que apresentarei chegam para mostrar como os meios de vigiar podem actuar sozinhos ou combinados. *Estejam atentos, portanto...*

### **De Olho nos Corpos através da Sala**

*De olho nos corpos através da sala*, assim se chama a primeira técnica destes fragmentos do glossário onde se narram as aventuras dos corpos•em•vigilância. Esta técnica consiste num acto vigilante efectuado através do olhar e que incide no corpo dos indivíduos. O dispositivo que permite que isso aconteça reside na forma arquitectural que a sala de aulas apresenta. Vamos ver esta técnica a exercer-se numa modalidade bastante curiosa a que chamo *olhos nos olhos*. Para isso, apresentarei um fenómeno verificado na turma da professora Mónica. O que aconteceu foi que, na altura em que se fazia um texto colectivo sobre “a minha rua”,

"Enquanto uma criança ia escrevendo no quadro, as outras iam copiando o texto para os seus cadernos. Uma vez que a Alexandra (sentada na mesa 2) estava a exhibir dificuldades em perceber o que estava no quadro, Mónica diz-lhe para vir para a mesa 4. Alexandra não se mostra muito entusiasmada com a ideia. Mónica repete o apelo-indicação (mais ou menos assim “Anda para aqui que vês melhor”)." (Relatório de campo nº10)

A docente disse para a aluna mudar de lugar justificando isso com a ideia de que assim a estudante iria ver melhor. Isto quer dizer que a professora se apercebeu das dificuldades da criança em entender o que estava escrito no quadro. Os olhos da professora vigiaram os olhos da aluna. É um controlo óptico que incide sobre o corpo. No entanto, não é sobre o corpo todo: é sobre um lugar específico. Alguém que vigia com os seus olhos os olhos de alguém. É este o feixe de vigilância com que nos deparamos. É cá temos a indiscrição/discrção do poder. Poder tão indiscreto que até se projecta no olhar dos indivíduos. Poder tão discreto que actua com o silêncio absoluto do olhar e com a capacidade de visão que a sala de aulas permite. Apetece dizer que Foucault ainda não diz tudo, quando afirma que o poder disciplinar separa o *ver* do *ser visto* (Foucault, 1993: 177 e 178). Eu diria ainda que o desligar entre *ver* e *ser visto* passa algumas vezes por *ver sem ser visto o que é visto por aqueles que não vêem*. Foi o que acabámos de ver...

Quando pensamos numa situação de olhos nos olhos, temos uma imagem de igualdade. Alguém que fica frente•a•frente num mesmo plano com outro alguém. Porém, as disciplinas exercem-se em desequilíbrio. O que vemos, no caso que estou a tratar, é uma espécie de *vigilância•de•oftalmologista*. Haverá melhor exemplo de uma situação em que estejamos olhos nos olhos com alguém do que aquela que se verifica quando estamos com esse especialista médico? No entanto, o desequilíbrio é evidente: de um lado, está alguém que, com o poder do seu saber, passa os minutos a interrogar-nos, a interrogar a nossa vista; do outro lado, alguém que vai sendo examinado e tem de se concentrar numas letras distantes que é preciso identificar. No entanto, quem vai sendo identificado somos nós, nós é que nos vamos tornando legíveis aos olhos do oftalmologista que pode, desse modo, afirmar o que não vemos ou vemos bem (o perto, o longe, as pessoas, os contornos, etc.). Por fim, o conselho para mudarmos para uns determinados óculos, pois só assim *veremos melhor*... Na escola, o feixe *olhos nos olhos* também é a desproporção entre alguém que examina, vê e sabe e alguém que é visto e examinado.

### **De Olho na Actividade dos Corpos através de Objectos que Dão a Ver**

*De olho na actividade dos corpos através de objectos que dão a ver* é o nome da segunda técnica de vigilância que integra os fragmentos que quero mostrar. Nome comprido e um pouco estranho. Vou desdobrá-lo nas partes que o constituem e, assim, tornar-se-á fácil de entender. É uma técnica em que o meio de vigilância é o olhar (*de olho*), o objecto da vigilância é aquilo que os sujeitos

escolares fazem (*actividade dos corpos*) e o dispositivo que permite que se vigie é a existência de objectos que possibilitam a descoberta de coisas que se passaram e que não foram vistas (*objectos que dão a ver*).

Vamos ver esta segunda técnica a manifestar-se num fenómeno em que a acção de vigilância foi exercida pela docente e recaiu sobre a actividade de dois dos seus alunos. O que se passou foi o seguinte:

"Quando o Vicente e o Ângelo arrumaram o armário divisório deitaram para o lixo umas tampas de caixas que estavam (...) (nesse) armário (...). Quando mais tarde, na parte final da aula, (a professora) Susana descobre as tampas no lixo, manda chamar os alunos. Aparece um deles e Susana diz que não achou bem o que eles fizeram porque “é preciso guardar e usar tudo” (foram mais ou menos estas as palavras que ela utilizou) e que, inclusivamente, numa tampa deitada fora estavam escritas as regras de um jogo que era preciso saber. As tampas foram tiradas do lixo e guardadas." (Relatório de campo nº5)

Estamos perante uma vigilância óptica da professora. Ela controlou com o seu olhar o que estava no lixo. No entanto, esse olhar levou-a a descobrir mais alguma coisa. O facto de existir um recipiente para o lixo cujo conteúdo está visível para quem passa pode levar a que se vejam mais coisas do que esse conteúdo. Foi o que aconteceu. Com o que descobriu, Susana acabou por ver algo feito por duas crianças sem que ela se tivesse apercebido; acabou por ver o Ângelo e o Vicente a deitarem fora determinadas tampas de caixas. Temos, assim, aquilo que chamo *vigilância óptica expandida*, uma vez que a capacidade de ver de quem vigia foi ampliada e, desse modo, algo que tinha ocorrido no passado, sem que se desse conta, tornou-se subitamente visível no presente. No entanto, esta vigilância expandida apresenta características muito especiais, na medida em que teve uma determinada *sofisticação*. Não se tratou propriamente de a professora detectar se a resposta de um aluno era certa ou errada. A professora descobriu algo que não lhe agradou, algo que evidenciava uma espécie de *microdelito* (chamemos-lhe assim): descobriu certas coisas num sítio muito particular — o caixote do lixo. Para além disso, essas coisas tornaram-se autênticas *pistas* que lhe permitiram reconstituir uma cena do passado que ela não tinha visto: a partir das tampas que viu jogadas fora, descobriu que o Ângelo e o Vicente tinham feito algo errado ao não aproveitarem esses materiais, ou seja, descobriu os *microinfractores*. Há aqui, portanto, uma espécie de *vigilância-à-detective*. Por fim, queria só acrescentar que a justificação que Susana dá para mostrar que deitar aquelas tampas para o lixo era incorrecto revela uma atitude vigilante em que laboram quer um espírito de uso exaustivo dos objectos, quer também a maximização do saber. É que

"estamos aqui (...) a lidar com questões económicas escolares — guardar, poupar, economizar, aproveitar, rentabilizar. Mas o poder-saber espregueia sempre: guardar a tampa porque ela ensina a jogar o jogo — maximizar o saber (não o deitar para o lixo, digamos...). (Relatório de campo n.º 5)

A modalidade em que se exerceu a técnica de vigilância no fenómeno referido só podia ser, como é óbvio, aquela que dá pelo nome de *olhos nos objectos*.

### À Escuta do Tempo de Corpos Postos à Prova através da Sala

À escuta do tempo de corpos postos à prova através da sala é outra das técnicas que constituem estes fragmentos do glossário que as práticas escolares de todos os dias vão redigindo. É uma forma de vigiar em que se usa a audição — é uma vigilância auditiva, portanto — e esta última pode actuar devido à circulação e recepção de sons que a sala de aulas possibilita. Vigiam-se os indivíduos na sua qualidade de corpos-no-tempo, isto é, corpos que têm de fazer ou dizer algo numa determinada altura e não noutra. As novidades que esta técnica nos traz não ficam por aqui. Temos também, pela primeira vez, uma situação em que os corpos estão postos à prova. Isso quer dizer que o exame se apresenta como um dos meios de vigiar. Estamos perante corpos que têm de provar perante alguém que são capazes de fazer algo e, desse modo, receber a classificação positiva desse mesmo alguém. É o que chamo vigilância examinatória. Os corpos são submetidos a actividades ou provas, de modo a que possa saber-se qual a capacidade e rendimento que apresentam na sua realização. Para Foucault, o exame é a expressão por excelência da conjugação entre relações de poder e relações de saber (Foucault, 1993: 164 e 165). Sendo assim, um glossário como aquele do qual estamos a ver alguns fragmentos não podia deixar de incluir técnicas que se concretizassem em actos examinatórios, ou seja, actos em que os corpos são postos à prova. Vamos ver esta terceira técnica num fenómeno passado numa turma de pedagogia tradicional em que a docente vigiou os seus alunos.

"Houve uma altura (...) em que (a professora) ficou aborrecida por se definirem os tempos dos verbos só com “presente”, “passado” e “futuro”. Segundo disse Simone, esses termos eram próprios do 2º

ano, (altura) em que bastava saber isso, no 3º ano há que falar em “pretéritos imperfeitos, perfeitos, mais-que-perfeitos”, em “futuro” e “condicional” e no “infinitivo” e no “presente”, claro está. (Relatório de campo nº7) "

Trata-se de uma vigilância temporal que actua na modalidade a que chamo  *tarefa certa no momento certo*. De facto, o que a professora observou atentamente foi a altura em que os corpos faziam algo. O que os corpos faziam era falar dos tempos dos verbos. A altura em que o faziam era uma aula do 3º ano. Simone notou que havia nisto um desajuste, uma vez que falar dos tempos dos verbos como os alunos estavam a fazer era uma actividade certa (era uma matéria escolar), mas feita no momento errado (com aquele grau de simplicidade, justificava-se no 2º ano, não no presente). Esta vigilância actua, de certa forma, como um acerto de horas. A docente corrigiu o atraso dos corpos. Estes últimos ainda iam num ritmo de actividades do 2º ano, quando já se estava no 3º. No fundo, é assim que muitas vigilâncias temporais se efectuam. O poder disciplinador de vigiar olha para os corpos como se fossem seres propensos a avarias. Corpos avariados são, tal como os relógios, corpos que se atrasam ou se adiantam, que não têm horas certas. Quando isso acontece, há que compor o que está mal. *A vigilância temporal é, assim, um exercício de acerto dos corpos*. Foi o que aconteceu no caso referido. Simone justificou estar aborrecida devido aos alunos definirem os tempos dos verbos com os termos do 2º ano e não com os do 3º.

### **De Olho e à Escuta da Actividade e da História da Actividade de Corpos Postos à Prova através da Sala**

*De olho e à escuta da actividade e da história da actividade de corpos postos à prova através da sala* é uma técnica que junta a perspicácia do olhar com a leveza absoluta do ouvir (de facto, o acto de escutar não é denunciado por nenhum sinal) e com os desafios lançados pelo exame. É um poder que recai sobre a actividade dos corpos e sobre a sua história, ou seja, vê o que os corpos fazem enquanto processo desdobrado no tempo — estamos, portanto, perante aquilo a que chamo *vigilância biográfica*. A sala de aulas aparece mais uma vez como o veículo-dispositivo que permite este cruzamento entre quem vê, ouve, examina, e quem é visto, ouvido, examinado. Uma das novidades desta técnica é que nos apresenta, como já referi, uma vigilância biográfica. Isto mostra até que ponto pode ir a indiscrição do poder. Este último recai sobre os corpos enquanto corpos-com-história. Isso quer dizer que se torna visível algum aspecto ou aspectos do trajecto dos sujeitos escolares ao longo do tempo.

Vamos ver um fenómeno em que se exerce esta quarta e última técnica. Ocorreu numa turma de pedagogia moderna e consistiu numa vigilância da docente face a uma estudante. O melhor é fazer-se silêncio pois os alunos da professora Diana encontram-se na altura da aula em que lêem trabalhos que trouxeram para a escola...

Quando a Elisa apresentou o seu texto, um aluno levantou a questão de saber se não tinha sido copiado. Elisa disse que não. Diana disse que, de facto, se lembrava que havia um texto parecido, mas Elisa continuou a dizer que não tinha copiado. Diana disse, então, que não tinha sido copiado, porque se (assim fosse) não teria tantos erros, que, por outro lado, ela tinha vindo a melhorar na sua escrita e, como não tinham provas, não podiam culpar a Elisa. (Relatório de campo nº6) Há optimismo e auditismo vigilantes pois, se a docente diz que a aluna melhorou na escrita, é porque ouvia e lia os seus textos. Estes últimos eram apresentados usando o espaço•sala•de•aulas. De facto, os alunos que escutavam os textos estavam sentados junto de mesas que formavam um *U* e o colega que lia estava de pé em frente dos outros. Também há exame na vigilância que estou a abordar, uma vez que, em todas as apresentações de trabalhos, os corpos estão à prova. Há também uma vigilância biográfica. É preciso ver que um dos argumentos usados pela docente, para justificar a ideia de que o texto da Elisa não fora copiado, reside no facto de declarar que essa aluna melhorara na escrita. Há uma justificação que é o constatar de um progresso de uma estudante. Aparece, assim, um tempo marcado por dificuldades na escrita, mas com uma diacronia da superação: Elisa surge como uma aluna que tem vindo a fazer avanços, que tem vindo, digamos assim, de mais dificuldades para menos dificuldades.

A modalidade em que se exerceu esta técnica no fenómeno referido chama-se *atenção ao desempenho dos corpos*.

### **Duas Questões Finais**

Para compreender melhor os fenómenos de poder existentes na sociedade é necessário analisar as vigilâncias. Comecei este texto por mostrar como elas se podiam manifestar enquanto exercício das disciplinas foucaultianas. Depois, abordei o vigiar humano num sentido mais amplo. Isso permitiu-me retomar a questão das vigilâncias disciplinares ao mesmo tempo que aproveitava de forma crítica

as ideias de Foucault. Consegui assim imaginar sociologicamente quatro casos concretos de vigilância. No entanto, gostaria ainda de referir brevemente duas questões que se ligam com a problemática tratada neste texto.

A primeira refere-se ainda às técnicas de vigilância. Estas últimas podem ser vistas também segundo a versão na qual se manifestam. Os quatro casos que se apresentaram na parte anterior deste texto são nesse aspecto semelhantes. Todos consistiram em técnicas exercidas na versão “professora vigia estudantes”. No entanto, há outras versões que podem aparecer como, por exemplo, “estudantes vigiam estudantes” ou “estudantes vigiam professora”. Comparar a centralidade e saliência de cada versão permite saber até que ponto, num dado contexto escolar, as vigilâncias se exercem mais ou menos hierarquicamente.

Em segundo lugar, gostaria de referir a necessidade de estudar a dinâmica guerreira das vigilâncias, sejam elas disciplinares ou não. É preciso ver que o vigiar humano tem diversos ritmos. As vigilâncias são feixes dinâmicos que se cruzam e se sucedem uns aos outros. Torna-se indispensável mostrar como se articulam. Esta articulação tem verdadeiras características guerreiras quando existem feixes de vigilância que se opõem entre si. Esta oposição pode ser tanto silenciosa como barulhenta. Voltemos ao exemplo dos alunos que fazem um exame e que querem copiar. Há uma verdadeira batalha entre o professor que vigia para que os alunos não cabulem e os alunos que vigiam o professor para que ele não os veja cabular. Apesar de tudo isto, o maior dos silêncios pode reinar na sala onde se está. No entanto, a oposição entre vigilâncias pode ser mais animada sonoramente. Foi o que aconteceu numa escola inglesa como pode ver-se pelo que conta o jornal *Público*:

"Frances Oldfield, de 55 anos, foi forçada a reformar-se mais cedo porque, de tanto gritar com os seus indisciplinados alunos, a sua voz ficou reduzida a um simples sussurro. Oldfield ensinou numa escola primária durante 17 anos e acusa o novo modelo de 'educação aberta' da sua escola, responsabilizando-o pela necessidade constante de ter que levantar a voz aos seus 'meninos'." (*Público*, 3/9/94).

## Referências bibliográficas

DOYLE, Roddy (1994), *As Desventuras de Paddy Clarke*. Lisboa, Editorial Presença.

FOUCAULT, Michel (1992), *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.

FOUCAULT, Michel (1993), *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes.

GIDDENS, Anthony (1989), “Elementos da teoria da estruturação”, in idem, *A constituição da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, p. 1•31.

GOFFMAN, Erving (1993), *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa, Relógio D'Água.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1995), “On modes of production of social power and law”, in idem *Toward a New Common Sense*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

---

\*  
- Este texto baseia-se em ideias e dados empíricos apresentados em relatório final no âmbito do Seminário de Sociologia Política e do Poder orientado pelo Prof. Doutor Boaventura de Sousa Santos. Esse relatório data de 1995 e intitula-se *Invenção e Labor dos Poderes na Escola — descobertas sociológicas entre a pedagogia tradicional e a pedagogia moderna*. Nesse trabalho, para além das vigilâncias, foram ainda analisadas outras formas de poder como, por exemplo, o paternalismo e a dominação. Para garantir o anonimato, os nomes dos sujeitos observados bem como os das escolas a que pertenciam são fictícios.

[1] Quando as notas de uma turma são discutidas pelo conjunto de professores, por exemplo, é exactamente isto que acontece. Os alunos foram examinados e todas as informações que daí se conseguiram extrair foram levadas para um ponto de certa forma privilegiado do sistema escolar: as reuniões de avaliação.

[2] Umhas foram programadas, outras não. Além disso, a maior parte delas consistiu no acompanhamento que fiz de uma determinada aula do princípio até ao fim.